

O Bombardeio de Tortosa

Correspondência para a NANA*— 15 DE ABRIL DE 1938

Ernest Hemingway

Tortosa, Espanha. — À nossa frente, quinze bombardeiros Heinkel, protegidos por caças Messerschmidt, voavam em círculos lentos, como abutres esperando que um animal morresse. Cada vez que passavam sobre determinado ponto, havia o baque surdo de bombas. Quando voltavam a ganhar altura sobre a vertente nua da montanha, mantendo sua rígida formação, cada terceiro aparelho da respectiva esquadrilha mergulhava, seus canhões cuspidos metralha. Ficaram nisso três quartos de hora, sem ser molestados, e o que eles estavam bombardeando e metralhando era uma companhia de infantaria que fazia um derradeiro esforço para agarrar-se à vertente e à crista nua da montanha, em pleno meio-dia dessa primavera quente, tentando desesperadamente defender a estrada Barcelona-Valência.

Por cima de nós, no alto céu sem nuvens, esquadrilha após esquadrilha de bombardeiros passavam roncando na direção de Tortosa. Quando despejaram a súbita trovoadas de suas cargas, a pequena cidade do Ebro desapareceu numa crescente nuvem de poeira amarela. A poeira não tinha tempo de assentar porque chegava uma outra vaga de bombardeiros e, finalmente, ficou pairando como um nevoeiro amarelo em toda a extensão do vale do Ebro. Os grandes bombardeiros Savoia-Marchetti brilhavam como prata ao sol e, quando um grupo martelava o seu alvo indefeso, outro vinha substituí-lo.

Todo esse tempo, à nossa frente, os Heinkels continuavam descrevendo círculos e mergulhando, com a mecânica monotonia de movimentos que se pode apreciar numa tarde calma, durante uma corrida de bicicletas de seis dias. E, por baixo deles, uma companhia de homens mantinha-se abrigada atrás dos rochedos, em tocas apressadamente cavadas e em simples dobras do terreno, tentando sustar o avanço de um exército inteiro.

À meia-noite, o comunicado governamental admitiu que se travava luta em redor de San Mateo e La Jana, o que significava que a última grande posição defensiva, La Tancada, uma serra escarpada e rochosa que defendia a estrada para o mar desde Morella a Vinaroz, fora contornada ou tomada.

Às 4 horas da madrugada, rodando sob uma lua cheia que ilumina as rochosas montanhas catalãs, os pontiagudos ciprestes e os troncos esqueléticos das árvores de copa rasa, rumamos para a frente de batalha. À luz do dia, passamos pelas ve-

* *North American Newspaper Alliance* (N.E.)

lhas muralhas romandas de Tarragona e, quando o sol já começava esquentando, encontramos os primeiros grupos de refugiados.

Mais tarde, deparamos com soldados em retirada, que nos relataram a penetração inimiga e que duas colunas avançavam sobre Vinaroz, uma terceira sobre Ulldecona, e uma quarta deslocava-se de Lacenia para La Galera, na direção de santa Barbara, que fica a apenas 13 quilômetros de Tortosa. Era uma investida de quatro dedos apontando para o mar, a cargo da coluna de tropas navarras e mouras do General Aranda; e os oficiais informaram que Calig e San Jorge já tinham caído, as duas últimas povoações nas duas estradas que partem de San Mateo para o mar.

À uma hora desta tarde, a estrada ainda estava aberta mas tudo indicava que seria cortada ou ficaria sob o fogo da artilharia antes do anoitecer ou quando as tropas de Aranda pudessem trazer suas peças para as posições adequadas. Entrementes, de onde este correspondente estava falando com um oficial do Estado-Maior, em Ulldecona, seus mapas abertos sobre um muro de pedra, podia já ouvir o crepitar das metralhadoras.

O oficial falava friamente, cuidadosamente e com grande polidez, enquanto as tropas de Aranda ultrapassavam San Rafael e havia apenas a crista de uma serra entre elas e nós. Era um soldado muito corajoso e competente, e estava reorganizando seu grupo de carros blindados, mas o nosso carro não era blindado e por isso decidimos regressar, passando por Santa Barbara. Era uma pequena e simpática cidade mas teria sido ainda melhor se Tortosa não continuasse envolta em nuvens de fumaça, com os bombardeiros descarregando incansavelmente sobre ela as suas cargas.

Havia muitas razões impelindo-nos a passar por Tortosa para chegar a Barcelona, incluindo a vida, a liberdade e a conquista da felicidade. Assim, quando nosso carro chegou a Tortosa e um guarda avisou que os bombardeiros tinham feito a ponte ir pelos ares e não poderíamos passar, isso foi algo que já nos trazia preocupados há tanto tempo e que se repetira já tantas vezes que quase não causou impressão alguma, exceto uma sensação de que “desta vez é que realmente entramos pelo cano”.

— Vocês podem tentar a pequena ponte que estão construindo com algumas pranchas — disse o guarda.

O motorista arrancou bruscamente com o carro, sem querer ouvir mais nada, enfiou pelo meio de uma colina de caminhos, driblando carretas de bombas em que dois caminhões poderiam desaparecer da vista, engolidos pela terra ainda calcinada de fresco, entrando-nos pelas narinas o cheiro irritante dos explosivos, e mandamos para a pequena ponte. À nossa frente havia uma carroça tirada por uma mula.

— Você não pode passar por ali! — gritou o guarda para o camponês que conduzia a carroça, pesadamente carregada de cereal, utensílios domésticos, panelas, uma pipa de vinhos, que a mula só a muito custo conseguia rebocar. Mas a mula não tinha marcha-à-ré, e a ponte ficou bloqueada. De modo que o vosso correspondente foi empurrar as rodas das rédeas da mula, e a carroça rodou lentamente para

a frente, esmagando as travessas de madeira que os rapazes estavam pregando a toda a pressa para abrirem a frágil ponte ao tráfego.

Os rapazes estavam trabalhando, martelando, pregando e serrando tão depressa e afanosamente quanto uma boa tripulação num navio sinistrado em alto mar. E, à nossa direita, uma seção da grande ponte de ferro sobre o Ebro mergulhava nas águas do rio e um outro trecho desaparecera. O bombardeio maciço dos quarenta e oito aviões, utilizando bombas que, a julgar pelas crateras que tinham feito e pelo modo como reduziram edifícios inteiros a montes de entulho nas ruas, deviam ser de 200 a 400 quilos cada, tinha finalmente conseguido inutilizar a ponte de Tortosa. Na cidade, ardia um caminhão de gasolina. Rodar pelas ruas da cidade era como praticar montanhismo nas crateras da lua. A ponte ferroviária ainda está intata e uma ponte de pontões será indubitavelmente construída mas é uma péssima noite para a margem ocidental do Ebro.